

# Estudos Sobre Arte Rupestre

In memoriam  
Andrea Martins



Associação dos Arqueólogos Portugueses

**Edição**

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

**Coordenação Editorial**

José Morais Arnaud, César Neves e Mariana Diniz

**Design gráfico**

Paulo Freitas

**Desenhos da capa e contracapa**

Motivos da Lapa dos Gaivões, Paineil 6. © Andrea Martins

**Impressão**

Greca, Artes Gráficas

**Tiragem**

400 exemplares

**ISBN**

978-989-35672-3-4

**Depósito legal**

544271/25

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os textos desta publicação são da inteira responsabilidade dos autores.

**4**

**Prefácio**

José Morais Arnaud

**8**

**In memoriam Andrea Martins**

Mariana Diniz

**14**

**O universo feminino na arte rupestre portuguesa e os rios da sua memória**

Sofia Figueiredo-Persson

**48**

**Arte Rupestre Portuguesa no Feminino**

Joana Valdez-Tullett

**94**

**Rocha 9 do Fariseu: contributo para a datação e contextualização da arte do Côa**

Thierry Aubry, André Tomás Santos, Miguel Almeida, Sílvia Aires, António Fernando Barbosa, Luís Luís, Marcelo Silvestre

**146**

**Contributos para o conhecimento da produção gráfica magdalenense do Vale do Côa: o dispositivo parietal paleolítico da rocha 80 do Vale de José Esteves**

André Tomás Santos, Tania Mosquera Castro, João Fernandes, Luís Luís, Marcelo Silvestre, Thierry Aubry, Miguel Almeida

**178**

**O projecto LandCRAFT e a Arte Esquemática do Vale do Côa**

Lara Bacelar Alves, Mário Reis, João Muralha Cardoso, Vera Caetano, Beatriz Comendador Rey, Bárbara Carvalho, Susana Lopes, Teresa Silva, Fernando Carrera Ramírez, Teresa Rivas Brea, Andrew Meirion Jones, Hannah Sackett, António Batarda Fernandes, José Santiago Pozo Antonio, Pablo Barreiro, Sérgio Gomes

**220**

**As gravuras das rochas 1 e 2 de Namoradas (Urgal, Vila Nova de Foz Côa).**

**Contributo para o conhecimento da arte esquemática gravada do Complexo Rupestre Côa-Douro**

Mário Varela Gomes

**264**

**Revisitando o Monte Faro (Valença do Minho): um extraordinário complexo de Arte Atlântica do Noroeste peninsular**

Lara Bacelar Alves, Mário Reis, Joanna Valdez-Tullett

**286**

**Onde se perpetuam os mitos... A evolução da arte rupestre pré-histórica de Serranópolis na sua paisagem, Goiás, Brasil**

Antonio Batarda Fernandes, Rosiclér Theodoro da Silva, Julio Cezar Rubin de Rubin, Fernanda Elisa Costa P. Resende, Claudete Radel, Maira Barberi

**306**

**Os Arquivos da Arte Rupestre do Tejo**

Francisco Sande Lemos

**330**

**Andrea Martins. Biobibliografia**

César Neves

# Prefácio

**José Morais Arnaud**

Presidente da Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses

Estudos  
Sobre  
Arte  
Rupestre

In  
memoriam  
Andrea  
Martins



No dia 22 de Junho de 2024 deixou-nos Andrea Martins, que fez parte da Associação dos Arqueólogos Portugueses desde o dia 14 de Dezembro de 2004 e integrou os seus corpos gerentes durante os últimos 6 anos, tendo dado uma contribuição do maior relevo para a dinamização desta instituição de utilidade pública, sem fins lucrativos, quer no âmbito das actividades da Secção de Pré-História, contribuindo para o seu funcionamento regular, quer ainda organizando diversos colóquios temáticos, estabelecendo a ponte entre os arqueólogos mais experientes e as novas gerações. A sua contribuição tornou-se especialmente relevante nos últimos dez anos, tendo desempenhado um papel fundamental na organização da Festa da Arqueologia e sobretudo dos Congressos de Arqueologia da AAP de 2013, 2017, 2020 e 2023, nos quais foram apresentadas e publicadas centenas de comunicações, mobilizando toda a comunidade arqueológica. Como membro da Direcção da AAP assumiu com grande eficiência a coordenação das publicações da AAP, em estreita colaboração com César Neves.

Além desta intensa actividade associativa, a Andrea destacou-se sobretudo pelas suas qualidades humanas e pelo trabalho que desenvolveu como investigadora no domínio da Arte Pré-Histórica, revelando um conjunto muito vasto de representações artísticas, que estudou de uma forma inovadora, quer do ponto de vista metodológico, quer sobretudo da abordagem teórica.

A Direcção da AAP decidiu, assim, que a melhor forma de homenagear uma arqueóloga cuja promissora carreira como investigadora foi precocemente cerceada, seria através da organização de um Colóquio sobre Arte Rupestre, em que se apresentassem os resultados das mais recentes investigações nesse domínio. Foram assim convidados a apresentar comunicações autores já com um vasto currículo, bem como investigadores das gerações mais recentes, envolvidos em projectos de longo prazo, alguns dos quais ainda em fase de arranque, que também a incluíam como investigadora. Felizmente, a resposta foi bastante positiva, pelo que pudemos incluir no volume que agora se apresenta as contribuições de cerca de três dezenas de autores, que representam o estado da arte neste domínio, constituindo um excelente ponto de partida e uma obra de referência incontornável para futuras investigações.

# Contributos para o conhecimento da produção gráfica magdalenense do Vale do Côa: o dispositivo parietal paleolítico da rocha 80 do Vale de José Esteves

**André Tomás Santos<sup>1</sup>, Tania Mosquera Castro<sup>2</sup>, João Fernandes<sup>3</sup>, Luís Luís<sup>4</sup>, Marcelo Silvestre<sup>5</sup>, Thierry Aubry<sup>6</sup>, Miguel Almeida<sup>7</sup>**

<sup>1</sup> Secção de Arqueologia do DHEEAA da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / CEAACP – Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património / ORCID: 0000-0001-9937-6523 / uc47625@uc.pt

<sup>2</sup> Grupo de Estudos para a Prehistoria do Noroeste Ibérico – Arqueoloxía, Antigüidade e Territorio (GEPN-AAT), Departamento de Historia, Universidade de Compostela / Centro de Investigación Interuniversitario das Paisaxes Atlánticas Culturais (CISPAC) / ORCID: 0000-0001-8118-3379 / taniamosquera.castro@usc.es

<sup>3</sup> Aluno da Licenciatura em Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / joao.edmportugal@gmail.com

<sup>4</sup> Fundação Côa Parque / UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / ORCID: 0000-0002-1022-6367 / luisluis@arte-coa.pt

<sup>5</sup> Fundação Côa Parque / marcelosilvestre@arte-coa.pt

<sup>6</sup> Fundação Côa Parque / UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / ORCID: 0000-0003-0071-3361 / thierryaubry@arte-coa.pt

<sup>7</sup> Dryas / Octopetala / UNIARQ – Cento de Arqueologia da Universidade de Lisboa / ORCID: 0000-0002-6869-4200 / miguel.almeida@dryas.pt

Estudos  
Sobre  
Arte  
Rupestre

In  
memoriam  
Andrea  
Martins



**Resumo:** Neste trabalho dá-se a conhecer o dispositivo rupestre paleolítico da rocha 80 do Vale de José Esteves. Após uma breve introdução e descrição das metodologias e estratégias utilizadas no estudo do painel, procede-se à descrição do dispositivo de cronologia paleolítica da rocha. Este consiste em três auroques e um veado, assim como diversas unidades gráficas não figurativas, entre as quais se identifica um possível *tetiforme*. Apresentam-se, em seguida, os argumentos que sustentam a atribuição cronocultural da composição estudada, todos de natureza estilística. Seguir-se-á uma apresentação atualizada da arquitetura parietal do Vale de José Esteves, procurando-se demonstrar a sua relevância no contexto da arte paleolítica do Côa, nomeadamente no que diz respeito à forma como os principais temas da região se distribuem pelo espaço e se relacionam entre si. Finalmente, procurar-se-á demonstrar como os paralelos estilísticos para as figuras não só permitem uma atribuição cronocultural segura do dispositivo, como reforçam outra hipótese que se tem vindo a defender, a saber, que entre o Magdalenense médio e o superior, as características estilísticas da grande maioria das imagens do Vale do Côa relacionam a região com a área franco-cantábrica, sendo raros os paralelos meridionais para estas figurações.

**Palavras-chave:** Arte Paleolítica; Magdalenense; Vale do Côa; Vale de José Esteves.

**Abstract:** This work presents the Palaeolithic rock art of pannel 80 of Vale de José Esteves. After a brief introduction and description of the methodologies and strategies used in the study, we proceed to the description of the panel. This consists of three aurochs and a red deer stag, as well as several non-figurative graphic units, among which a possible *tetiforme* can be identified. The arguments that support the chrono-cultural attribution of the studied composition are then presented, all of which of stylistic nature. This will be followed by an updated presentation of the parietal architecture of Vale de José Esteves and a discussion regarding its relevance in the context of the Palaeolithic rock art of the Côa Valley, particularly the way in which the region's main themes are distributed throughout space and relate to each other. Finally, we will attempt to demonstrate how the stylistic parallels for the figures not only allow a safe chrono-cultural attribution of the panel, but also reinforce another hypothesis that we have been defending for a while, namely that, between the middle and upper Magdalenian, the stylistic characteristics of the vast majority of images from the Côa Valley relate the region to the Franco-Cantabrian area, with few or none southern parallels for these figurations.

**Keywords:** Palaeolithic art; Magdalenian; Côa Valley; Vale de José Esteves.

## 1. Introdução

É com um sentimento agrídoce que encetamos este trabalho. Por um lado, é uma justíssima homenagem a uma colega e amiga que, pese embora a sua curta vida, contribuiu muitíssimo para o avanço dos estudos de arte rupestre em Portugal. Mas, por outro lado, preferíamos não ter de o fazer porque seria sinal de que a Andrea ainda estaria entre nós.

A arte paleolítica do Vale do Côa não poderia estar ausente desta homenagem. Na verdade, se os estudos de arte rupestre da Andrea se centraram essencialmente sobre as imagens produzidas em tempos mais recentes da nossa pré-história – designadamente da do Vale do Côa (e. g. Martins, 2015; Alves, Martins e Reis, 2023)! –, a arte paleolítica da região também lhe ficará a dever importantes contributos: fez parte da equipa que deu a conhecer o dispositivo gráfico que é, até ao momento, o mais meridional do vale – a rocha 1 da Quinta da Moreirola (García Díez *et al.*, 2003), coescreveu um importante trabalho sobre a relação da AAP com o Côa (Arnaud e Martins, 2021) e fez parte da organização dos 1.º e 2.º Côa *Symposia*, tendo integrado a equipa editorial das atas do primeiro (Aubry, Santos e Martins, eds., 2021) e encetado ainda a edição das do subsequente.

O dispositivo gráfico que aqui se dá a conhecer encontra-se na rocha 80 do Vale de José Esteves, um afloramento rochoso onde se encontram igualmente evidências gráficas da Idade do Ferro e de cronologia moderna, tendo as primeiras sido recentemente publicadas (Luís *et al.*, 2024). A rocha foi identificada por Mário Reis em abril de 2022. Tendo-se reconhecido aí a existência de figuras de estilo magdalenense, programou-se o seu estudo com vista à prossecução dos seguintes objetivos: a) concluir o estudo do conjunto rupestre magdalenense do Vale de José Esteves, precisando a sua arquitetura parietal (*sensu* Vialou, 2004); b) contribuir para uma melhor caracterização da arte magdalenense do Côa; c) reforçar o *corpus* de figuras que permitem afinar a comparação entre as evidências gráficas magdalenenses do Côa e as das restantes regiões do Sudoeste europeu.

## 2. O sítio

O Vale de José Esteves (CNS 8457) é um dos 98 sítios com manifestações rupestres conhecidos atualmente no Vale do Côa (Reis, 2023: 1781-1782), fazendo parte do conjunto dos 62 que contém imagens paleolíticas<sup>1</sup> (**Figura 1**). Localiza-se no aro da freguesia e concelho de Vila Nova de Foz Côa, distrito da Guarda.

<sup>1</sup> As imagens de 58 destes sítios encontram-se exclusivamente em suportes rochosos e as de um outro (Cardina) em suporte móvel. No Vale de José Esteves, como no Fariseu e na Cardina, estas imagens encontram-se em suportes rochosos e móveis.



Contributos para o conhecimento da produção gráfica magdalenense do Vale do Côa: o dispositivo parietal paleolítico da rocha 80 do Vale de José Esteves

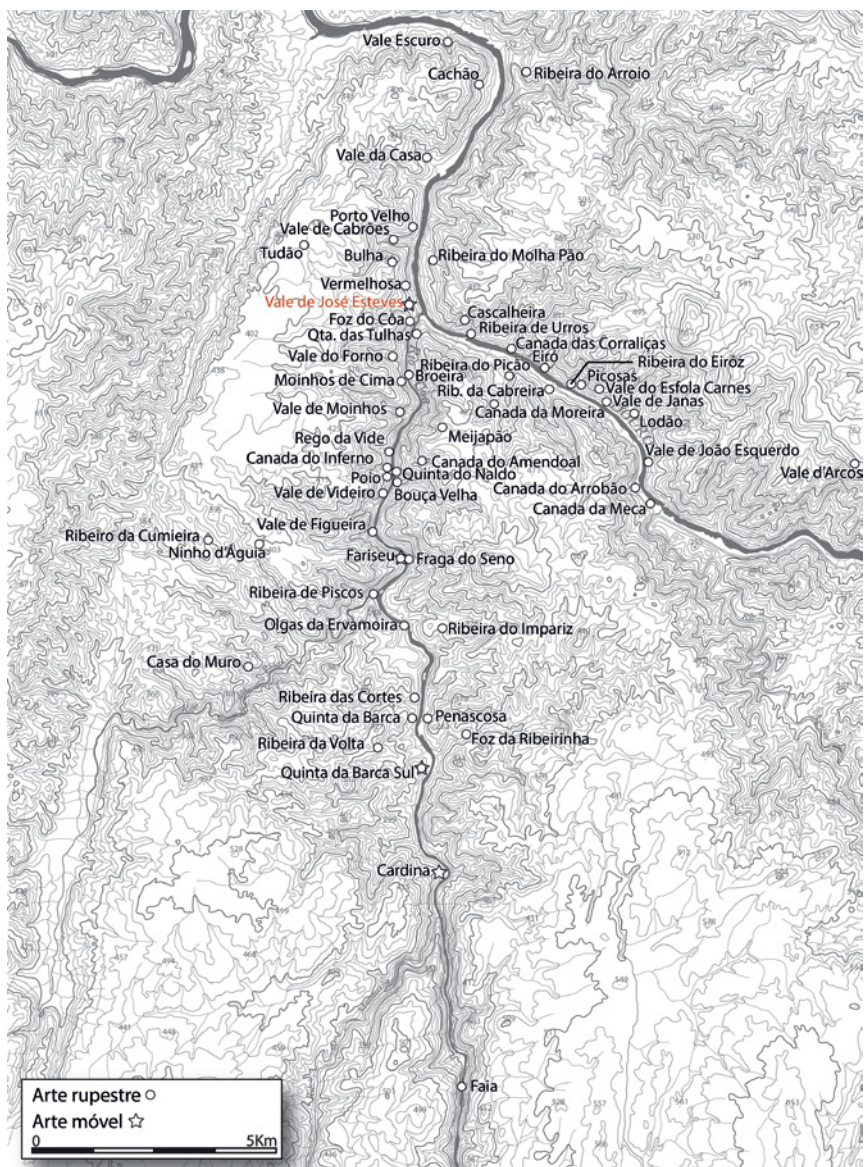


Figura 1 - Localização do Vale de José Esteves no contexto dos sítios com imagens paleolíticas do Baixo Côa e das suas imediações.

O sítio foi identificado por Manuel Almeida e João Félix em 1994, tendo sido dado a conhecer por Nelson Rebanda em 1995 (Rebanda, 1995a; 1995b). Nestes trabalhos refere-se já a existência de figurações paleolíticas e da Idade do Ferro, sendo as primeiras gravuras de cronologia histórica dadas a conhecer em 2008 (Baptista e Reis, 2008). Atualmente, encontram-se inventariadas 81 rochas historiadas no sítio, 44 das quais com imagens atribuídas ao Paleolítico Superior (Reis, 2023: 1781). Destas, pelos menos três contêm figurações



centes, ainda no planalto, até à sua confluência com o Douro, imediatamente para jusante da foz do Côa. O vale deve a sua configuração à ação conjugada da tectónica regional, da própria erosão do rio e do substrato rochoso, que aqui corresponde a filitos da formação da Desejosa (Ribeiro, 2001). Os seus afloramentos dispõem de diáclases verticais e subverticais, maioritariamente orientadas para sudeste na vertente esquerda do vale, e na direção oposta na vertente direita. Este aspeto terá condicionado a conservação dos painéis, tal como anteriormente demonstrado (Aubry, Luís e Dimuccio, 2012), assim se explicando que apenas quatro das oitenta e uma rochas historiadas se encontrem na vertente direita do sítio.

Do ponto de vista da geomorfologia, o sítio localiza-se ainda na Meseta ibérica, cujos limites se encontram uns quilómetros a oeste, no Vale da Vila (Ferreira, 1978). Relativamente à biogeografia, o sítio, como a generalidade do Baixo Côa, integra o superdistrito da Terra Quente, por sua vez integrado no sector Lusitano-Duriense da província Carpetano-Ibérico-Leonesa, caracterizando-se pelo ombroclima seco e pelos bosques mistos de sobreiro e zimbro (*Rusco aculeati-Quercetum suberis junipere-tosum oxycedri*) (Costa *et al.*, 1998: 24). Nos fundos de vale mais secos e quentes pode-se encontrar a aliança espargueiral-zambujal (*Asparago albi-Rhamnion oleiodis*), substituída atualmente em alguns pontos pelo olival (Costa *et al.*, 1998: 24). A vegetação higrófila das linhas de água temporárias destaca-se pela presença de salgueirais de *salix pseudosalviifolia* (Costa *et al.*, 1998: 24). No Vale de José Esteves, deve ainda destacar-se a presença do amendoal e de alguns laranjais esparsos, assim como, junto da linha de água, a densidade de cana-do-reino (*Arundo donax*) e de silvas de amora silvestre (*Rubus fruticosus L.*), o que a par da topografia acidentada dificulta a circulação no fundo do vale.

As rochas historiadas não se distribuem de forma homogénea pelo sítio, um aspeto que terá sido também condicionado pela própria afloração dos suportes e pela existência de fenómenos de *toppling* em massa já descritos em algumas zonas do vale (Aubry, Luís e Dimuccio, 2012). Tendo em conta a distância verificada entre os diversos sectores com rochas historiadas, dividimos o sítio em seis *loci*, numerados de montante para jusante (Santos *et al.*, 2020).

As rochas com figuras atribuídas com maior segurança ao Magdalenense encontram-se no *locus* VI, mas a distância entre a rocha 80 e o conjunto formado pelas rochas 4 e 36, obriga-nos, segundo critérios definidos anteriormente (Santos, 2019: 52), a integrá-las em duas zonas distintas, que denominamos jusante superior (rocha 80) e montante inferior (rochas 4 e 36). Já a rocha 16, que poderá conter igualmente evidências gráficas magdalenenses, integra zona de um *locus* distinto, a saber, o V.

A zona montante inferior do *locus* VI encontra-se próxima da linha de água, onde a circulação é atualmente difícil, a visibilidade limitada e o espaço disponível para a audiência potencial é reduzido. Já a rocha 80 encontra-se num sector do vale mais elevado e próximo do Douro, uma localização que lhe oferece um campo visual alargado sobre o sector terminal do Vale de José



Figura 3 – Localização da rocha no seu contexto imediato. Observe-se a plataforma existente em frente do afloramento onde se encontra o painel.

Esteves e o próprio Douro, encontrando-se as suas figurações magdalenenses na diáclase de um afloramento que delimita um espaço amplo e aplanado que permitiria a presença de um grupo razoável de pessoas à sua frente (**Figura 3**).

### 3. Metodologia e estratégias de estudo

O dispositivo gráfico que aqui se apresenta foi registado mediante decalque direto e fotografia, tendo-se realizado no âmbito de uma campanha desenvolvida em finais de junho de 2023.

O decalque foi efetuado sobre película de polivinilo transparente de 0,08 mm de espessura e com um dos lados com um máximo de 90 cm, aplicado diretamente sobre a rocha, após a limpeza desta com recurso a água e escovas não abrasivas. Os decalques foram realizados durante a noite de forma a possibilitar o recurso à iluminação artificial (**Figura 4**). Esta deve ser direcionada de forma rasante e perpendicular ao eixo principal dos traços que se querem decalcar. Como fontes de luz, utilizaram-se focos de led com um valor de saída de 260 lux. Para além das evidências gráficas, foram ainda registados os

Estudos  
Sobre  
Arte  
Rupestre

In  
memoriam  
Andrea  
Martins



elementos naturais da rocha mais destacados, como fissuras, veios, microcavidades, perda de placas, etc. Os elementos gráficos são registados a negro, com pontas de 0,4 mm e os elementos naturais a vermelho, com pontas de 1 mm para os limites do painel e 0,5 para os restantes.

No plástico são ainda assinaladas todas as sobreposições entre figuras, assim como a identificação do painel, dos autores do decalque, das datas da sua realização, de eventuais miras que permitam a colagem dos diversos sectores decalcados, e de uma linha reta horizontal (para a realização da qual se recorre a um nível de bolha) de forma a possibilitar a posterior orientação do desenho.

O recurso ao decalque direto em detrimento de métodos como a fotogrametria ou o RTI (*Reflectance Transformation Imaging*) justifica-se pela pouca visibilidade e expressão microtopográfica dos traços a registar. De facto, o RTI foi tentado num painel da rocha, não se tendo verificado melhorias nos resultados obtidos a partir do decalque direto (Luís *et al.*, 2024: nota 6). Por outro lado, o levantamento fotogramétrico, embora possível sob determinadas condições (Rivero Vilá *et al.*, 2019), desde logo *hardware* que permita o processamento e armazenamento de grandes volumes de dados, não permite a mesma maleabilidade de controlo da direccionalidade da luz *in loco* que é exigível para a identificação de algumas figuras do tipo das que estão aqui em causa. Como os painéis do Côa são planos, não oferecendo o mesmo tipo de limitações inerentes aos painéis de morfologia irregular, e menos problemáticos do ponto de vista da conservação que os das grutas, pensamos que o decalque direto noturno é o que melhor se adequa a um rigoroso registo das suas composições rupestres dominadas por incisões finas.



Figura 4 – Aspeto dos trabalhos de decalque noturno.

As telas de polivinilo são posteriormente digitalizadas a 300 dpi numa *plotter* de grandes formatos. Os diversos sectores da rocha são depois remontados e orientados, procedendo-se em seguida à sua vectorização em programa adequado. Os traços que conformam cada uma das unidades gráficas são agrupados, sendo cada um dos grupos daí resultante ora identificados com um código (se a unidade for figurativa) ora distribuídos por chaves, se a unidade for não figurativa.

O código acima referido é composto por um acrónimo que identifica o sítio, um número que identifica a rocha e um segundo número separado por um “-” que identifica o número de motivo na rocha (Santos, 2019: 54-55). As chaves a que nos referimos reportam-se às formas propostas pelos Sauvet e Włodarczyk para o estudo dos signos (Sauvet, Sauvet e Włodarczyk, 1977), acrescidas de outras que permitem a inclusão de outros tipos presentes na bacia do Douro (Santos, 2019: 61, fig. 2.4).

As figurações de animais serão descritas segundo os mesmos critérios utilizados para a descrição dos restantes zoomorfos da região (Santos, 2019: 55) e que se resumem à utilização dos termos anatómicos previstos nos *Nomina Anatomica Veterinaria* (Icvgan, 2012), de termos tradicionais portugueses utilizados na descrição dos bovinos (Cid, 2001), de termos específicos para as hastes dos cervídeos (Barroso e Rosa, 1999) e da adoção da terminologia proposta por Leroi-Gourhan para a caracterização da perspectiva das figurações animais (Leroi-Gourhan, 1984: 134-135).

O registo fotográfico visa documentar o andamento dos trabalhos, a integração da rocha estudada no seu ambiente e detalhes das composições. Dependendo dos objetivos, esta ação poderá dar-se de dia ou de noite. No caso da fotografia das composições rupestres e dos detalhes das figuras privilegia-se a fotografia noturna ou à sombra, recorrendo-se em ambos os casos a flashes sincronizados. No nosso caso, utilizou-se um GN60 a 100 ISO @ 200 mm, passível de regulação do tempo de iluminação (mínimo de 1/8000 s) e da amplitude focal (entre os 20 e os 200 mm). O aparelho fotográfico consistiu numa Nikon D750, tendo-se utilizado lentes fixas de 20 e 35 mm.

A atitude do painel foi registada com recurso a bússola adequada, tendo-se recorrido ao código Munsell (Cailleux, 1981) para o registo das cores do painel.

#### 4. O painel 1 da rocha 80 do Vale de José Esteves

As figurações de cronologia paleolítica da rocha 80 encontram-se todas no painel 1, um dos quatro desta rocha onde se identificaram evidências gráficas. Os remanescentes contêm gravuras da Idade do Ferro (painel 3), de época Moderna (painel 2) e de cronologia indeterminada (painel 4) (Luís *et al.*, 2024).

O painel em causa apresenta uma inclinação subvertical (82°SE), orientando-se para sudeste (N52°). A cor da rocha é dominada pelo “castanho-acinzentado muito escuro” (10 YR 3/2) (**Figura 5**).

Estudos  
Sobre  
Arte  
Rupestre

In  
memoriam  
Andrea  
Martins





Figura 5 – Vista geral do painel 1 da rocha 80 do Vale de José Esteves.

A composição (**Figura 6**) é dominada por um auroque macho reduzido à sua metade cranial (**JE80-03**)<sup>2</sup>. Mede 77 cm de comprimento máximo por 69 cm de altura (**Figura 7A**). Foi executado por incisão simples e reiterada, orientando-se para a esquerda.

A cabeça (**Figura 8**) apresenta um bordo cranial com frente algo convexa e chanfro reto; o focinho é convexo, assim como a tábua do queixo, bem separada da ganacha côncava que prolonga sem descontinuidade o pescoço; a zona da barbela encontra-se fraturada; observa-se um membro anterior delimitado pelos dois bordos e terminado pelo subdedo e pelo casco onde se observam as duas unhas; no bordo dorsal do tronco observa-se a cernelha, bem separada do bordo dorsal do pescoço côncavo; entre o corno e esta última zona descobre-se uma orelha de formato semicircular; no interior da cabeça observa-se um olho amendoado e o arranque da narina.

**JE80-03** é sobreposto por veado executado por incisão simples e múltipla, orientado para a direita (**JE80-04**). A figura mede 55 cm (da ponta da cauda à do focinho) por 46 cm (da extremidade conservada dos membros à extremidade conservada da haste) e encontra-se muito afetada pela queda de placas, sobretudo na zona dos membros anteriores e entre a zona caudal

---

<sup>2</sup> As unidades gráficas JE80-01 e JE80-02 correspondem às figuras da Idade do Ferro, entretanto publicadas (Luís *et al.*, 2024).

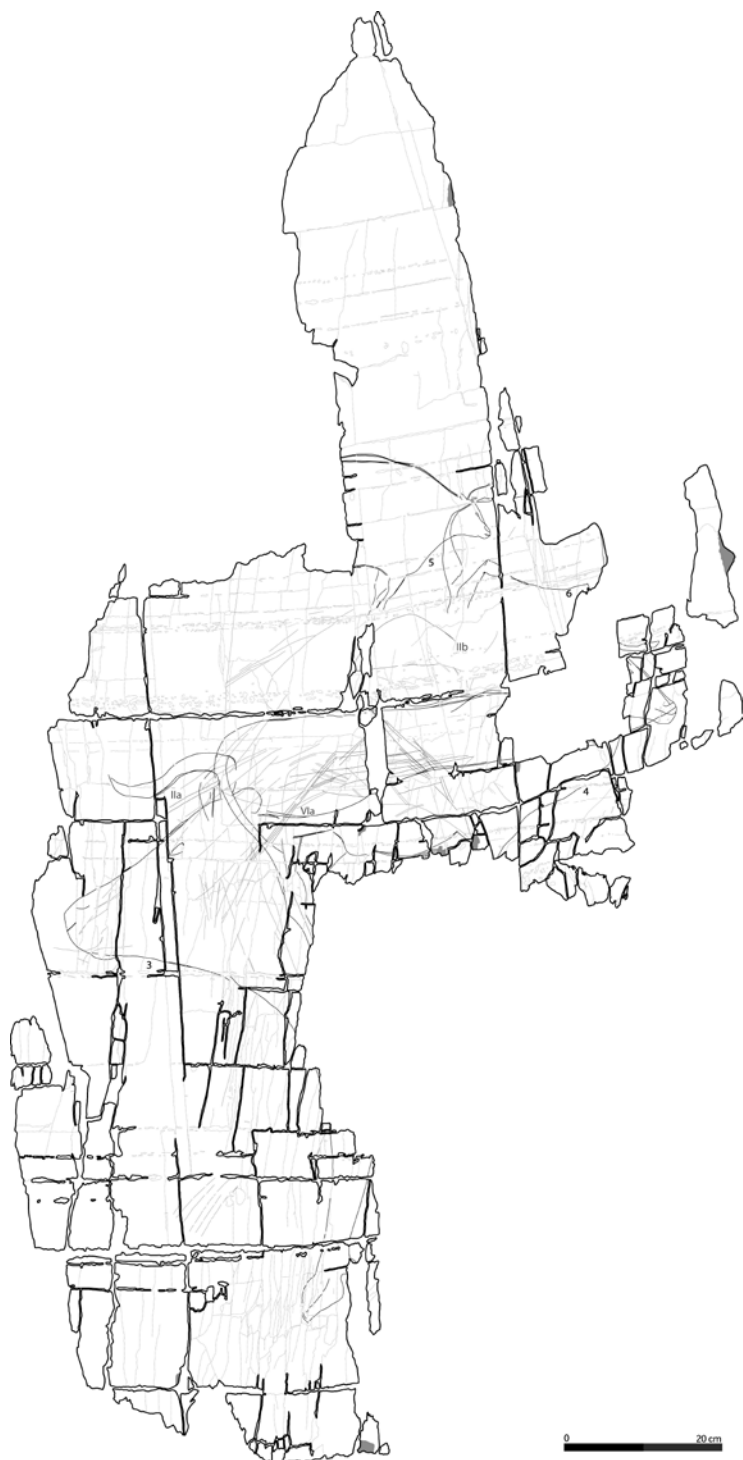


Figura 6 - Decalque do painel 1 da rocha 80 do Vale de José Esteves, encontrando-se destacadas as unidades figurativas e não figurativas discutidas no texto.

Estudos  
Sobre  
Arte  
Rupestre

In  
memoriam  
Andrea  
Martins





Figura 7 - Figuras discutidas no texto. A: Auroque JE80-03; B: Veado JE80-04; C: Auroque JE80-05; D: Auroque JE80-06; E: unidade gráfica da chave IIa; F: unidade gráfica da chave IIb; G: unidade gráfica da chave VIa.



Figura 8 - Auroque JE80-03: detalhe da cabeça (cfr. com figura 6).

da cabeça e o garrote (Figura 7B). A cabeça (Figura 9) apresenta um bordo frontonasal convexo-côncavo, focinho e tábua do queixo convexo e ganacha reta; o olho, de forma amendoada, encontra-se presente, ainda que apenas parcialmente; no interior do focinho do animal, um traço corresponde à boca e separa o lábio superior do inferior; um traço curvo corresponde à narina; o bordo dorsal do tronco é reto, observando-se apenas a ligeira convexidade do garrote; a cauda é de formato foliforme; a nádega é convexa. Dos membros pélvicos, distinguimos as coxa, jarretes e canelas, dispendo-se ambos em perfil uniangular; do bordo ventral do tronco distingue-se ainda o ventre convexo bem separado de uma cilheira côncava ou reta; o bordo ventral do pescoço é convexo e o peito côncavo. Reconhece-se ainda uma haste da qual restam o bordo caudal do tronco, o bordo ventral da ponta intermédia e o estoque, delimitado perimetralmente.

Para cima destas duas figuras, descobrem-se duas representações de auroques de menor dimensão e orientados para a direita, tendo sido ambos gravados por incisão simples e reiterada. As figuras, dada a sua semelhante dimensão e orientação, parecem configurar uma cena na qual o animal da esquerda (JE80-05), seguramente um macho, segue o da direita (JE80-06) (Figura 10).

JE80-05 está reduzido à sua metade cranial, medindo 20 cm de altura e 17 cm de comprimento (Figura 7C). A cabeça (Figura 11) apresenta bordo dorsal com frente convexa e chanfro côncavo, focinho convexo, tábua do queixo reta e ganacha convexo-reta; a barbela é convexo-côncava; do bordo ventral do tronco apenas resta a cilheira côncava e do bordo dorsal o garrote pronunciado, delimitado interiormente; os membros anteriores representados em



Figura 9 – Veado JE80-04: detalhe da cabeça e do estoque do animal (cfr. com figura 6).

Estudos  
Sobre  
Arte  
Rupestre

In  
memoriam  
Andrea  
Martins





Figura 10 – Auroques JE80-05 e JE80-06. A cabeça do primeiro encontra-se no interior dos quartos traseiros do segundo (cfr. com figura 6).



Figura 11 – Auroques JE80-05 e JE80-06: detalhe da cabeça do primeiro e quartos traseiros do segundo (cfr. com figura 6).

perfil uniangular, são modelados, com coxas, joelhos e pernas bem distinguíveis entre si; no interior da cabeça observa-se a boca, a narina arredondada, o olho amendoado e possível delimitação interna entre a narina e o olho. Os cornos são em forma de S, dispondo-se em perfil biangular oblíquo, encontrando-se uma orelha foliforme por trás do da direita.

**JE80-06** é sobreposto na zona da garupa pela cabeça da representação anterior (Figura 7D). Encontra-se reduzido à zona ventral e quartos traseiros; do bordo dorsal do tronco observa-se claramente a garupa angulosa e o que parece ser um garrote pronunciado. As garupas angulosas são próprias das fêmeas, mas os garrotes pronunciados dos machos, pelo que é difícil decidir-nos por um dos sexos. Da cauda observa-se apenas o troço; o bordo ventral do tronco é convexo; os membros posteriores dispõem-se em perfil uniangular, distinguindo-se no da direita a coxa, arranque do jarrete e canela; o da esquerda está reduzido ao bordo cranial reto, terminando este na zona da bainha ou do úbere (dependendo do sexo do animal), bem separado do ventre do animal.

Todo o repertório não figurativo foi gravado por incisão simples e múltipla. Entre este, distingue-se uma forma triangular que evoca um “tetiforme” (chave VIa) (Figura 7G). Este encontra-se associado ao auroque **JE80-03** e ao veado **JE80-04**, correspondendo à maior unidade não figurativa do painel. Ainda associadas a estes animais (entre o bordo cranial de **JE80-03** e a cauda de **JE80-04**) foi isolada uma unidade da chave IIa (Figura 7E) e entre **JE80-04**, **JE80-05** e **JE80-06** uma possível unidade da chave IIb (Figura 7F). As restantes são de carácter angular (chave IX) e linear (chave XI), distribuindo-se por diversas das suas variantes. Assim, ainda associadas a **JE80-03** e **JE80-04** foram isoladas oito da XIa, seis da XIb e três da XIc. Exclusivamente a **JE80-03**, associam-se uma da chave IXa, uma da IXab, quinze da XIa, quatro da XIb e uma da XIc, reconhecendo-se ainda, à sua esquerda, uma da chave XIb e outra da XIc. Associam-se exclusivamente a **JE80-04** duas unidades da chave XIa e uma da XIb. No espaço livre entre **JE80-04**, **JE80-05** e **JE80-06** distinguem-se, para além da figura semicircular atrás referida (chave IIb), seis unidades da chave XIa, duas da XIb e uma da XIc. A **JE80-06** associam-se duas unidades da chave XIa e outra da chave XIb.

## 5. Atribuição cronocultural

Desde 2017 que temos vindo a integrar os cavalos, auroques, cabras-monteses, veados e cervas inventariadas no Côa em análises multivariantes que incluem todas as figuras destes temas que se conhecem na bacia do Douro e em todo território a sul desta área até à margem norte do Tejo, correspondendo os limites desta região aos da distribuição das fontes de matéria-prima identificadas entre os conjuntos líticos paleolíticos exumados no Vale do Côa (Santos, 2019).

Os auroques e o veado da rocha 80 integram-se de forma clara nas classes 3 e 2 resultantes da classificação hierárquica ascendente de cada um dos res-

Estudos  
Sobre  
Arte  
Rupestre

In  
memoriam  
Andrea  
Martins



petivos temas. O estudo da relação entre estas classes nos painéis historiados da região permitiu inferir a sua contemporaneidade e a sua inclusão – a par das classes 3 de cavalos e 2 de cabras-monteses e cervas – numa mesma fase (fase 3), atribuída ao Magdalenense médio e superior (Santos, 2019: 195). Estas figuras caracterizam-se pelo seu naturalismo, tendendo os seus corpos a serem representados de forma muito proporcional e a aparecerem detalhes internos como olhos amendoados, narinas contornadas e bocas modeladas; os membros tendem a ser bastante modelados e rematados por cascos realistas, sendo comum a utilização do perfil uniangular na sua figuração (Santos, 2019: 155).

Os argumentos para a sua atribuição ao Magdalenense médio e superior são os seguintes: a) as figuras desta fase, quando presentes em rochas com figuras de outras fases encontram-se sistematicamente por cima ou em posição marginal relativamente a figuras das fases 1 e 2 e sempre sobrepostas ou em posição central relativamente às da fase 4; b) a arte móvel do Medal, com figuras integráveis nesta fase (Figueiredo *et al.*, 2016) é forçosamente anterior a  $12.350 \pm 930$  BP, datação OSL da camada que sobrepõe aquela onde se encontra a maioria da coleção (Gaspar *et al.*, 2016: tab. 2); c) esta data é sensivelmente mais antiga que aquelas que nos permitiram datar a arte móvel do Fariseu, integrável na fase 4 (Santos *et al.*, 2018); d) a fase 4 tem que ser forçosamente posterior ao episódio de agradecção verificado no vale entre 13.000 e 15.000 anos atrás, visto que sempre que existem figuras da fase 3 e 4 nos mesmos sítios, o limite de distribuição inferior das da fase 3 é sistematicamente mais baixo que os da fase 4, podendo as figuras “hiper-realistas” do vale serem contemporâneas deste episódio de agradecção mas nunca posteriores ao período de erosão que se verificou subsequentemente e antes do episódio de sedimentação coluvionar coevo da fase 4 (Aubry *et al.*, 2020: 132; Santos, 2023: 97); e) este intervalo temporal é compatível, por outro lado, com a charneira entre as fases 3 e 4 (situada pelo radiocarbono em torno dos 13.000 e os 13.500 calBP) que é sugerida pela distribuição estratigráfica de duas peças com representações de equinos do sítio da Peña de Estebanvela, uma delas com uma cabeça com os atributos mais representativos da fase 3 (peça 18) e outra com uma representação enquadrável na fase 4 (peça 18) (García Díez, 2013; Santos, 2019: 195); f) o limite inferior é mais difícil de precisar, mas os paralelos para estas figuras são atribuídos ao Magdalenense médio ou superior, encontrando-se todos, salvo os de Los Casares, para norte da cordilheira central (Santos, 2019: 185-191).

No centro peninsular, para além dos auroques das composições 12, 21 e 26 do Seno B de Los Casares (Cabré Aguiló, 1934: Láms. XVII, XVIII, XXI) atribuídas ao estilo IV antigo de Leroi-Gourhan (Balbín Behrmann e Alcolea González, 1992: 424-429), refiram-se, como paralelos específicos para as figuras do painel que aqui estudamos, os cervídeos dos painéis 12 e 13 de Siega Verde, atribuídos a uma transição do estilo III para o IV de Leroi-Gourhan (Alcolea González e Balbín Behrmann, 2006).

Os paralelos mais claros encontram-se, todavia, mais a norte. Nas Astúrias, evoque-se alguns veados da fase 5 de Llonín, atribuída ao Magdalenense

médio ou superior (Fortea Pérez, Rasilla Vives e Rodríguez Otero, 2004), o veado 8 de Covaciella (García Díez *et al.*, 2015a: 72, fig. 53), cujo dispositivo é atribuído *grosso modo* ao Magdalenense (García Díez *et al.*, 2015b: 119-121), os auroques do painel 4 do conjunto VIII de Tito Bustillo (Balbín Behrmann *et al.*, 2023: 120, fig. 143), também adscritos ao Magdalenense, ou os auroques nºs 11, 12 e 13 do “*muro de los grabados*” da Peña do Candamo (Hernández-Pacheco, 1919: 74-76, figs. 21-23), integráveis na fase mais recente de produção gráfica da gruta, considerada do Magdalenense inferior ou médio (González Sainz, Cacho Toca e Fukazawa, 2003: 152; Corchón Rodríguez *et al.*, 2011: 410-414).

Da Cantábria, refira-se, na gruta de Castillo, o auroque pintado a negro da localização 6 de Alcalde, Breuil e Sierra (1911: 146, fig. 134) ou o gravado de 53bis (Alcalde Del Rio, Breuil e Sierra, 1911: 163, fig. 150), na gruta de Hornos de la Peña, os auroques da localização 11 (Alcalde Del Rio, Breuil e Sierra, 1911: 103, fig. 94) ou, na gruta de Altamira, os auroques 26 e 33 (Breuil e Obermaier, 1935: 67, figs. 44 e 45). Trata-se de figuras consensualmente atribuídas ao Magdalenense (e.g. Breuil e Obermaier, 1935: 98-99; Leroi-Gourhan, Delluc e Delluc, 1995: 482, 485-487, 542; González Sainz, Cacho Toca e Fukazawa, 2003: 95, 106-107; Gálvez Lavín e Cacho Toca, 2010: 148; García Díez e Garrido Pimentel, 2014: 659; Heras Martín e Lasheras Corruchaga, 2014: 625; Ripoll López *et al.*, 2014: 164-167).

De além-Pirenéus, refiram-se o auroque da gruta do Colombier, no vale do Ardèche (Combiér, 1984: 619) e, já na Dordonha, os auroques VIIID97 de Combarelles (Barrière, 1997: 303) e, sobretudo, os auroques da cascata esta-lagmítica e os veados dos painéis 4 e 5 da gruta da Mairie, em Teyjat (Capitan *et al.*, 1912: 500-502, figs. 2-3, 508-511, figs. 8-10), figurações adscritas ao Magdalenense médio ou superior (e.g. Aujoulat, 1984: 234; Combiér, 1984: 619; Leroi-Gourhan, Delluc e Delluc, 1995: 494, 507; Barrière, 1997: 540-541; Paillet *et al.*, 2015: 445).

Ao nível da arte móvel são muitos os paralelos. Só para citar os de proveniência estratigráfica mais segura, veja-se o veado da plaqueta 6079 de Las Caldas, nas Astúrias, exumada num contexto do Magdalenense médio (Corchón Rodríguez e Rivero Vilá, 2017: 621-622) ou o bastão perfurado de Castillo, recolhido num contexto do Magdalenense superior (e.g. Corchón Rodríguez, 1986: 385). Refiram-se também as cabeças de auroques da série de Rocher de l'Impératrice, na Bretanha (Naudinot *et al.*, 2017: 15, fig. 7), identificados num contexto associado a indústrias do Azilense antigo, mas com datas compreendidas entre os 14.935 e os 13.775 calBP, ou seja coevas do Magdalenense superior da Península Ibérica. Mais perto de nós, será evidentemente de evocar, do sítio do Medal, os auroques das peças 5167 (Figueiredo *et al.*, 2014: 17) e 5879 (Figueiredo, Xavier e Nobre, 2015: 1581).

Todas estas unidades gráficas figurativas integram-se de forma clara no período IV de Leroi-Gourhan (Leroi-Gourhan, Delluc e Delluc, 1995: 283-288), a etapa do seu quadro cronoestilístico que foi menos abalado pela crítica “pós-estilística” (Alcolea González e Balbín Behrmann, 2007: 459). Não espanta

Estudos  
Sobre  
Arte  
Rupestre

In  
memoriam  
Andrea  
Martins



por isso que não encontremos paralelos evidentes para estas unidades gráficas no sul e sudeste da Península, região onde figurações características deste período não foram identificadas (Villaverde Bonilla, 1994: 333-334).

Quanto às unidades não-figurativas do painel, as de carácter lineal e angular são omnipresentes em toda as composições do Côa, independentemente da sua cronologia (Santos, 2019). Já as as chave IIa, IIb e VIa não são tão ubíquas. Identificaram-se 78 unidades da chave IIa. Destas apenas 3 se associam com clareza a unidades figurativas da fase 1 (duas na Canada do Inferno 1 e uma em Fariseu 1). 28 associam-se com clareza a unidades da fase 4 (nas rochas 14, 32, 33 e 36 da Canada do Inferno, 13 e 16 do Vale de José Esteves, 13 da Penascosa e 23 da Quinta da Barca. 30 associam-se com clareza a rochas da fase 2 ou 3 (rochas 3 e 41 da Canada do Inferno, 2, 6 e 24 de Piscos, 6 e 32 de Vale de Cabrões e 4 do Vale de José Esteves).

Este equilíbrio ao nível da distribuição entre as rochas magdalenenses e azilenses repercute-se também no número de motivos identificados em contextos nos quais, existindo ambas as fases é difícil apreciar a qual se associariam as da chave II. Estas são em número de 13 (nas rochas 14, 20, 28 e 41 da Canada do Inferno, 10 e 12 da Penascosa, 23 da Quinta da Barca e 4 do Vale de José Esteves).

Ainda assim, o número de associações provavelmente atribuíveis ao Magdalenense é maior, uma vez que foram ainda identificados 4 casos onde é difícil averiguar se estas unidades se associam a figuras da fase 1 ou da fase 2 (nas rochas 2 e 30 da Canada do Inferno e na rocha 20 da Quinta da Barca).

A associação da chave II ao Magdalenense do Côa é ainda mais evidente quando olhamos para a distribuição da sua variante b pelas fases de produção artística da região. Assim das 136 unidades inventariadas, 63 encontram-se em contextos claros das fases 2 ou 3 (nas rochas 2, 3, 10 e 41 da Canada do Inferno e nas rochas 5, 6 e 24 de Piscos), 23 encontram-se em contextos claramente azilenses (nas rochas 14, 32, 33 e 36 da Canada do Inferno e na rocha 10 da Penascosa) e apenas 14 em contextos da fase 1 (nas rochas 1 e 26 da Canada do Inferno, 1 do Fariseu, 2, 3, 6 e 7 da Penascosa e 56 da Quinta da Barca). Existem ainda 8 situações em que é impossível perceber se estas unidades se associam a figuras da fase 1 ou 2 (nas rochas 30 da Canada do Inferno, 5 da Penascosa e 20 da Quinta da Barca) e outras 24 cuja dificuldade está em destrinçar se estamos perante associações do Magdalenense ou do Azilense (nas rochas 20 e 41 da Canada do Inferno, 10, 12, 16, 19 e 22 da Penascosa, na rocha 23 da Quinta da Barca e na rocha 4 do Vale de José Esteves). Refira-se também que na rocha 22 da Quinta da Barca aparecem 4 unidades desta chave, sendo aí difícil perceber se estamos perante associações da fase 1 ou da fase 4, a lei das probabilidades apontando para esta.

Da chave VIa, apenas se identificaram 3 outras unidades no Côa: na rocha 1 do Fariseu (fase 1) e nas rochas 10 e 16 da Penascosa, podendo aí estar associadas a figuras magdalenenses ou azilenses. Contudo, mesmo estas são de matizar, uma vez que a nossa abordagem teve que ver com uma mera com-

paração entre as formas definidas pelos traços que nos parecem conformar uma unidade e a chave respetiva definida pelos Sauvet e Wlodarczyk (1977). A título de exemplo, veja-se a unidade identificada na rocha 1 do Fariseu (entre o cilhadouro e o bordo caudal do membro anterior de Fro1-45 [o cavalo com quatro cabeças] em Santos, 2019, 59, fig. 2.3.).

As três unidades aqui em causa podem também ler-se no contexto do repertório não figurativo do centro peninsular, correspondendo aos signos de tipo F.I.3 (chave IIa), G.II.3 (chave IIB) e D.I.1 (chave VIa) da classificação de Ignacio Triguero para essa região (2023: 149-152), pese embora ao nosso tetiforme falte a base (eventualmente por fratura do suporte).

Se como refere Triguero, os signos do seu tipo F apresentam uma ampla dispersão geográfica (Triguero Perucha, 2023: 492), o mesmo não se pode dizer do seu subtipo G.II.3, cuja distribuição geográfica e temporal é muito limitada (Triguero Perucha, 2023: 495), encontrando-se em Los Casares, Siega Verde, Trois Frères, Marsoulas, Altxerri e, eventualmente, Hornos de la Peña. Como em Siega Verde, o motivo que aqui nos interessa, associa-se a auroque (Alcolea González e Balbín Behrmann, 2006: 89). Já o seu tipo D.I.1 está apenas representado em Los Casares, correspondendo à unidade CS13 (Triguero Perucha, 2023: 292). O autor atribui este signo já ao final do Paleolítico, dado o seu posicionamento estratigráfico e contexto junto a outras figuras (Triguero Perucha, 2023: 491), designadamente triângulos e ramiformes que, como o autor recorda tanto aparecem no Côa associados a figuras magdalenenses como a mais tardias (Triguero Perucha, 2023: 480).

Tendo em conta os resultados das análises multivariantes em que já se incluem as figuras animais aqui estudadas, os paralelos identificados no conjunto da produção gráfica do Sudoeste europeu, a distribuição das unidades não figurativas das variantes da chave II pelas diferentes fases do Côa, a distribuição de paralelos para a forma específica da nossa unidade da chave IIB (compatível com o tipo G.II.3 de Triguero), a não ocorrência da nossa forma específica da chave VIa (compatível com a D.I.1 de Triguero) em momentos anteriores ao Magdalenense médio, parece-nos evidente que é a esta etapa da cronocultura ou a que se segue imediatamente (Magdalenense superior) que a composição do painel 1 da rocha 80 do Vale de José Esteves deve ser atribuída.

## 6. A arquitetura parietal do Vale de José Esteves no contexto da produção gráfica magdalenense do Vale do Côa

Até à identificação da rocha 80, o Vale de José Esteves parecia ter uma arquitetura parietal muito simples, reduzida a uma zona apenas, composta pelas rochas 4 e 36. Esta zona, Vale de José Esteves montante inferior ou JE(MI), poderá ter uma origem ainda no Magdalenense antigo, testemunhada eventualmente pelo espaço parietal B da rocha 36 (Santos *et al.*, 2020). Caracteriza-se

Estudos  
Sobre  
Arte  
Rupestre

In  
memoriam  
Andrea  
Martins



pelo domínio das cabras-monteses, a que se seguem os veados, os cavalos e os auroques, tendo-se ainda identificado dois indeterminados.

A cabra-montês, com cinco unidades, é, não só o tema mais representado, como também aquele que inclui a figura de maior dimensão da zona (JE36-01) e cujo tratamento (trata-se da figura mais detalhada da zona), posicionamento no alto do painel e sem se encontrar envolvida em grande densidade de sobreposições (Santos *et al.*, 2020: 177-179) faz dela a figura que mais se destacaria na zona. As restantes representações deste tema correspondem a motivos mais discretos, gravados quer no espaço parietal B da rocha 36 (JE36-03) (Santos *et al.*, 2020: 180-181), quer na rocha 4 (JE04-03, JE04-04 e JE04-08) (Santos, 2019: 707-710), sendo de destacar a representação de machos e de fêmeas (JE36-03 e JE04-04).

Os veados aparecem representados em três ocasiões, manifestando-se na forma de cerva (JE04-01 e J04-10) e de vareto (JE04-02) (Santos, 2019: 707-710). Ou seja, os machos adultos não se encontram representados nesta zona.

Os cavalos encontram-se representados por um prótomo no espaço parietal B da rocha 36 (JE36-02), correspondendo à maior unidade figurativa do painel (Santos *et al.*, 2020: 179-181), e por um cavalo na rocha 4 (JE04-05), animado por decomposição do movimento por meio da figuração de duas cabeças (Santos, 2019: 707-710).

O único auroque desta zona encontra-se reduzido a um bordo cervico-dorsal (JE36-04) gravado no espaço parietal B da rocha 36 (Santos *et al.*, 2020: 179-181). Refira-se, por fim a ocorrência de duas figuras indeterminadas, uma (JE36-05) no espaço parietal B da rocha 36 e outra na rocha 4 (JE04-07). Os outros animais representados na rocha 4 (JE04-09, JE04-11 e os animais do espaço parietal B) deverão ser atribuídos já ao Azilense (Santos *et al.*, 2020: 166-171, 184-185).

A zona montante inferior do Vale de José Esteves caracteriza-se igualmente pela grande representatividade de signos complexos, como arboriformes de diversos tipos e triângulos, formas que, como tivemos ocasião de evocar (Santos *et al.*, 2020), remetem para tipos de distribuição essencialmente setentrional, tal como as figuras que temos vindo a estudar da rocha 80

A zona que agora estudamos parece, deste modo, complementar a identificada anteriormente. De facto, em Vale de José Esteves jusante superior, ou JE(JS), encontramos o que não se representa naquela: os veados machos e os auroques representados de forma clara e dominante, assim como unidades não figurativas não presentes naquela zona (chaves IIa, IIb e VIa).

Mas ao nível da arquitetura parietal do Vale, talvez o mais interessante é estarmos, perante um exemplo muito claro das tendências associativas que temos vindo a identificar no Côa e que se mantêm, com nuances, desde a fase antiga até ao Magdalenense superior, a saber, a verificada entre cabra-montês e cavalo por um lado e auroque e veado por outro (Santos, 2023; 2024).

Em JE(JS) temos um exemplo indiscutível desta última tendência e em JE(MI) temos uma possível forma da primeira. Na verdade, à dominância de

cabras-monteses nesta zona deveria responder uma presença mais significativa de cavalos que de qualquer outro tema. Tal não é assim, uma vez que veados são representados por mais uma unidade que cavalos. Contudo, não podemos deixar de chamar a atenção para uma maior representação de cavalos que de auroques. Obviamente que não nos referimos apenas ao número, mas também à natureza das representações. O auroque só está representado na zona por um bordo cervicodorsal localizado em posição marginal do espaço parietal B da rocha 36, enquanto cavalo o está por uma cabeça de dimensões comparáveis à daquela figura e em posição central naquele mesmo painel ou ainda pela única figura animada por decomposição do movimento em toda a zona (e em associação claríssima a cabra-montês) na rocha 4. Ou seja, se é verdade que existe mais uma unidade de veados que de cavalos, também o é que a uma maior representatividade de cabra-montês corresponde uma mais significativa representatividade do animal que a si tendencialmente se associa (cavalo) em detrimento do auroque, que se associa predominantemente ao segundo animal mais representado no sítio (veado).

Frente a estas duas situações temos igualmente dois posicionamentos distintos no espaço. JE(JS) encontra-se localizada em sítio amplo, muito mais alto que a linha de água, perto da confluência com o Douro e com ampla visibilidade sobre os vales de José Esteves e o Douro (cfr. Fig. 3). JE(MI) localiza-se no fundo do vale em zona bastante mais acidentada, não permitindo uma audiência tão ampla e com fraca visibilidade sobre o entorno.

Refira-se, por fim, a possibilidade da arquitetura parietal do sítio só se completar com uma zona exclusivamente composta por unidades gráficas não figurativas, se se vier a confirmar que o repertório não figurativo da rocha 16 do sítio ser mais antigo que as unidades figurativas aí presentes e poder ser atribuído ao Magdalenense como apontam os paralelos entre as unidades que o compõem e outras existentes no vale que, de forma mais clara, se associam a unidades gráficas magdalenenses (Santos *et al.*, 2020). A este título, gostaríamos de evocar a peça do Medal (Figueiredo *et al.*, 2016: 72, fig. 7), onde um cavalo de claro estilo magdalenense se associa a um arboriforme comparável aos gravados nas rochas 4 e 16 do Vale de José Esteves. Neste caso, para além das zonas atrás referidas haveria que acrescentar esta, localizada em margem oposta do vale, também localizada no fundo do vale, com fraco potencial ao nível da audiência, parca visibilidade e a uma distância considerável das restantes rochas com figuras atribuídas ao Magdalenense (cfr. Fig. 2).

## 7. Balanço

A composição que ora se dá a conhecer vem complexificar a imagem que tínhamos da arquitetura parietal magdalenense do Vale de José Esteves. Encontrando-se muito apartada das restantes rochas com figurações atribuídas a este período, deve ser considerada como uma zona distinta. A diferente constituição

Estudos  
Sobre  
Arte  
Rupestre

In  
memoriam  
Andrea  
Martins



temática das duas zonas seguramente magdalenenses do sítio, assim como as diferentes características das duas localizações correspondem a mais um exemplo de como a oposição entre o par cavalo/cabra montês e o par auroque/veado se expressa de forma espacial no vale do Côa. Trata-se de associações que se expressam de forma inversa à que se verifica nos sítios coevos da bacia do Douro como San Isidro ou Las Canteras (em Domingo García) (Ripoll e Municio, 1999), na zona norte de Siega Verde (Alcolea e Balbín, 2006) ou em Arroyo de las Almas (Vázquez e Reis, 2019) onde os animais mais representados são cavalos, enquanto que os cervídeos são, com exceção de Siega Verde, tão ou mais representados que auroques, no que parece ser um processo de complexificação de uma mesma lógica já verificada em fases anteriores, mas que se vai quebrar no Azilense (Santos, 2023; 2024). Como temos vindo a defender, este padrão pode explicar-se se admitirmos que o repertório rupestre da região resulta de uma ontologia de tipo totémico (*sensu* Descola, 2005), correspondendo os sítios localizados fora do Côa a lugares adscritos a coletivos totémicos específicos e o Vale do Côa a uma paisagem de agregação aberta a todos esses coletivos e onde, entre outras particularidades, se expressariam as regras de interação entre os membros de cada um deles. Este tipo de apropriação social do espaço tem, de facto, um correlato nas paisagens totémicas australianas, as quais são constituídas por sítios exclusivos de determinadas filiações totémicas e outros abertos a todo os coletivos (e.g David, 2002; McDonald e Veth, 2012). Estes, embora abertos a todos, não deixam de corresponder a *estates* (*sensu* Stanner, 1965) de coletivos específicos, tal como documentado por Kimber e Smith (1987), que descrevem uma cerimónia aranda aberta a diferentes coletivos num sítio, que não deixa de estar integrado num *estate* específico (no caso, do Gato Nativo). Poderá a importância da cabra-montês no Vale do Côa denunciar a sua integração no putativo *estate* do coletivo respetivo?

Mas a composição paleolítica da rocha 80 do Vale de José Esteves não nos permite apenas robustecer o nosso modelo interpretativo relativo à produção gráfica da região. Também permite fortalecer a nossa hipótese relativa aos contactos privilegiados da região com o norte da Cantábria e o Sudoeste francês durante o Magdalenense e a concomitante fragilização das relações com a zona mediterrânica da Península (e.g. Santos, 2012; Santos *et al.*, 2021). De facto, como se verificou pelos paralelos que invocámos para as figuras que formam a nossa composição, os paralelos que encontramos para elas encontram-se todos, com exceção de Los Casares, para norte da cordilheira central. Tal é compatível com a hipótese levantada por J. Zilhão há mais de 20 anos que considerava que os períodos de frio mais intenso levavam à expansão das redes de interação social, sucedendo o inverso em períodos interestaduais (Zilhão, 2003). Assim, frente a uma ampla distribuição dos paralelos para as figuras das nossas fase 1 (anterior e coeva do Pleniglaciário) e 4 (genericamente coeva do GS1), encontramos uma distribuição mais estrangida dos mesmos para as nossas fases 2 e, especialmente, 3. Essas relações, durante estas fases, parecem estabelecer-se privilegiadamente com o norte peninsular. Tal verifica-se

ao nível da produção gráfica, mas também ao nível das indústrias líticas, designadamente do Solutrense superior (início da fase 2 da sequência gráfica). De facto, contrariamente ao que se passa no centro do país, onde coexistem os dois tipos de pontas crenadas peninsulares, no Côa apenas se identificam as de tipologia cantábrica (Aubry, 2009: 354).

As imagens rupestres podem e merecem ser experienciadas num contexto de fruição estética, mas não nos podemos esquecer que, como quase toda a produção gráfica que se lhe seguiu, elas refletem e contribuem para o reforço e legitimação de uma dada mundivisão e das formas de organização social que a essa mundivisão se ligam dialeticamente. Em períodos sem escrita e com formas de inculcação de uma dada leitura do mundo menos diversificadas que as atuais, as imagens e as paisagens por elas construídas eram capitais nesse processo. Esquecer este aspeto das imagens pré-históricas não é mero ato de ingenuidade ou de alienação, é igualmente uma forma de impor sobre outros coletivos humanos uma dada ideia sobre a natureza das imagens, uma ideia que será afinal tão transitória como a que subjazia às que estudamos neste texto.

## Referências bibliográficas

ALCALDE DEL RIO, Hermilio; BREUIL, Henri & SIERRA, Lorenzo (1911) – *Les cavernes de la région cantabrique (Espagne)*. Monaco: Imprimerie Vve A. Chêne (Peintures et gravures des cavernes paléolithiques, 3).

ALCOLEA GONZÁLEZ, José Javier & BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (2006) – *Arte paleolítico al aire libre. El yacimiento rupestre de Siega Verde, Salamanca*. : Junta de Castilla y León (Arqueología de Castilla y León, 16).

ALCOLEA GONZÁLEZ, José Javier & BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (2007) – C<sup>14</sup> et style: La chronologie de l'art pariétal à l'heure actuelle. *L'Anthropologie*. 111, pp. 435-466.

ALVES, Lara; MARTINS, Andrea & REIS, Mário (2023) – Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa. In ARNAUD, José Morais; NEVES, César & MARTINS, Andrea (eds.) – *Arqueologia em Portugal. 2023 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS20 e IA-FLUC, pp. 1801-1814.

ARNAUD, José Morais & MARTINS, Andrea (2021) – A Associação dos Arqueólogos Portugueses e o Vale do Côa – um longo percurso pela defesa e divulgação do Património. In AUBRY, Thierry; SANTOS, André Tomás & MARTINS, Andrea (eds.) – *Côa Symposium. Novos Olhares sobre a Arte Paleolítica*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses & Fundação Côa Parque, pp. 404-416.

AUBRY, Thierry (2009) – Abordagem tipológica dos conjuntos líticos: contribuição para a definição da sequência crono-estratigráfica de ocupação humana do Vale do Côa. In AUBRY, Thierry (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52), pp. 348-356.

AUBRY, Thierry; GAMEIRO, Cristina; SANTOS, André Tomás & LUÍS, Luís (2017) – Existe Azilense em Portugal? Novos dados sobre o Tardiglacial e o Pré-Boreal no Vale

Estudos  
Sobre  
Arte  
Rupestre

In  
memoriam  
Andrea  
Martins



- do Côa. In ARNAUD, José Morais & MARTINS, Andrea (eds.) – *Arqueologia em Portugal 2017: Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 403-418.
- AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís & DIMUCCIO, Luca Antonio (2012) – Nature vs. Culture: present-day spatial distribution and preservation of open-air rock art in the Côa and Douro River Valleys (Portugal). *Journal of Archaeological Science*. 39, pp. 848-866.
- AUBRY, Thierry; SANTOS, André Tomás; LUÍS, Luís; BARBOSA, António Fernando & SILVESTRE, Marcelo (2020) – Fluvial dynamics and Palaeolithic settlement: new data from the Côa Valley (Portugal). In RODRÍGUEZ ALVAREZ, Xosé Pedro; OTTE, Marcel; LOMBERA HERMIDA, Arturo & FÁBREGAS VALCARCE, Ramón (eds.)– *Palaeolithic of Northwest Iberia and beyond: multidisciplinary approaches to the analysis of Late Quaternary hunter-gatherer societies*. Paris: Publications scientifiques du Muséum & l'Académie des Sciences (Comptes rendus Palevol, 19(7)), pp. 117-135.
- AUBRY, Thierry; SANTOS, André Tomás & MARTINS, Andrea, eds. (2021) – *Côa Symposium. Novos Olhares sobre a Arte Paleolítica*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses & Fundação Côa Parque
- AUJOUAT, Norbert (1984) – Grotte de la Mairie. In *L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*. Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 232-235.
- BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo & ALCOLEA GONZÁLEZ, José Javier (1992) – La grotte de Los Casares et l'art paléolithique de la Meseta espagnole. *L'Anthropologie*. 96: 2-3, pp. 397-452.
- BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de; ALCOLEA GONZÁLEZ, José Javier; ALCARAZ-CASTAÑO, Manuel & BUENO RAMÍREZ, Primitiva (2023) – *La cueva de Tito Bustillo. Ribadesella. Asturias*. Xixón: Gobierno del Principado de Asturias.
- BAPTISTA, António Martinho & REIS, Mário (2008) – Prospecção da arte rupestre no vale do Côa e Alto Douro português: ponto da situação em julho de 2006. In BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (ed.), *Arte prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*. Junta de Castilla y León/ Consejería de Cultura y Turismo (Documentos PAHIS, 9), pp. 145-192.
- BARRIÈRE, Claude (1997) – *L'art pariétal des grottes des Combarelles*. Les Eyzies: Éditions SAMRA (Paléo, hors série).
- BARROSO, Inês & ROSA, José Luís (1999) – *O veado*. Mirandela: João Azevedo Editor (Património natural transmontano, 5).
- BREUIL, Henri & OBERMAIER, Hugo (1935) – *The cave of Altamira at Santillana del Mar, Spain*. Madrid: Junta de las Cuevas de Altamira; The Hispanic Society of America; Academia de la Historia.
- CABRÉ AGUILÓ, Juan (1934) – Las cuevas de Los Casares y de La Hoz. *Archivo de Español de Arte y Arqueología*. 30, pp. 225-254.
- CAILLEUX, André (1981) – *Notice sur le code des couleurs des sols*. Paris: Boubée.
- CAPITAN, Louis; BREUIL, Henri; PEYRONY, Denis & BOURRINET, Pierre (1912) – Les gravures sur cascade stalagmitique de la grotte de la Mairie à Teyjat (Dordogne). In *Congrès International d'Anthropologie préhistorique. Compte Rendu de la XIV<sup>ème</sup> session*. Genève, pp. 498-513.

- CID, Pedro Salter (2001) – *O exterior dos bovinos das raças autóctones*. Alpiarça: Garrido Editores.
- COMBIER, Jean (1984) – Grotte du Colombier. In *L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*. Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 617-620.
- CORCHÓN RODRIGUEZ, María Soledad (1986) – *El arte mueble paleolítico cantábrico*. Madrid: Ministerio de Cultura (Centro de Investigación y Museo de Altamira. Monografías, 16).
- CORCHÓN RODRIGUEZ, María Soledad; GÁRATE MAIDAGÁN, Diego; GONZÁLEZ AGUILERA, Diego; MUÑOZ NIETO, Angel Luis; GÓMEZ LAHOZ, Javier & SABAS HERRERO, Jesús (2011) – Nouveaux regards sur la Grotte de La Peña (San Román de Candamo, Asturias, Espagne). *L'Anthropologie*. 115, pp. 384-424.
- CORCHÓN RODRIGUEZ, María Soledad & RIVERO VILÁ, Olivia (2017) – Catálogo de arte mueble. In CORCHÓN RODRIGUEZ, María Soledad (ed.), *La cueva de las Caldas (Priorio, Oviedo). Ocupaciones magdalenenses en el valle del Nalón*. Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca (Ediciones Históricas & Geográficas, 164), pp. 577-820.
- COSTA, José Carlos; AGUIAR, Carlos; CAPELO, Jorge Henrique; LOUSÃ, Mário & NETO, Carlos (1998) – Biogeografía de Portugal. *Quercetea*. 0, pp. 5-56.
- DAVID, Bruno (2002) – *Landscape, rock art and the Dreaming*. London and New York: Leicester University Press.
- DESCOLA, Philippe (2005) – *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard (Bibliothèque des sciences humaines, 607).
- FERREIRA, António de Brum (1978) – *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira. Estudo de Geomorfologia*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos (Memórias do Centro de Estudos Geográficos, 4).
- FIGUEIREDO, Sofia Catarina Soares de; NOBRE, Luís; GASPAS, Rita; CARRONDO, Joana; CRISTO ROPER, Araceli; FERREIRA, João; SILVA, Maria João & MOLINA HERNÁNDEZ, Francisco Javier (2014) – Foz do Medal terrace – an open-air settlement with paleolithic portable art. *International Newsletter on Rock Art*. 68, pp. 12-19.
- FIGUEIREDO, Sofia Catarina Soares de; NOBRE, Luís; XAVIER, Pedro; GASPAS, Rita & CARRONDO, Joana (2016) – First approach to the chronological sequence of the engraved plaques of the Foz do Medal alluvial terrace in Trás-os-Montes, Portugal. *ARPI. Arqueología y Prehistoria del Interior peninsular*. 4 (extra. Homenaje a Rodrigo de Balbín Behrmann), pp. 64-77.
- FIGUEIREDO, Sofia Catarina Soares de; XAVIER, Pedro & NOBRE, Luís (2015) – Placas móveis com grafismos rupestres paleolíticos do Terraço do Medal (Nordeste, Portugal): uma primeira análise a técnicas e estilos. In COLLADO GIRALDO, Hipólito & GARCÍA ARRANZ, José Julio (eds.) – *Symbols in the landscape: rock art and its context. Proceedings of the XIX International Rock Art Conference IFRAO 2015 (Cáceres, Spain, 31 August – 4 September 2015)*. Tomar: Instituto Terra e Memória (Arkeos, 37), pp. 1573-1588.
- FORTEA PÉREZ, Javier; RASILLA VIVES, Marco de la & RODRÍGUEZ OTERO, Vicente (2004) – L'art pariétal et la séquence archéologique paléolithique de la grotte de Llonín (Peñamellera Alta, Asturias, Espagne). *Préhistoire, Art et Sociétés*. 59, pp. 7-29.

Estudos  
Sobre  
Arte  
Rupestre

In  
memoriam  
Andrea  
Martins



GÁLVEZ LAVÍN, Nerea & CACHO TOCA, Roberto (2010) – Hornos de la Peña. In MALPELO GARCÍA, Belén & CASTANEDO TAPIA, Ignacio (eds.) – *Las cuevas con arte paleolítico en Cantabria*. Santander: Asociación Cántabra para la Defensa del Patrimonio Subterráneo (A.C.D.P.S.), pp. 145-150.

GARCÍA DÍEZ, Marcos (2013) – La expresión gráfica de La Peña de Estebanvela (Segovia) en el contexto de los últimos grupos cazadores-recolectores europeos. In CACHO QUE-SADA, Carmen (ed.), *Ocupaciones magdalenienses en el interior de la Península Ibérica. La Peña de Estebanvela (Ayllón, Segovia)*. [s.l.]: Junta de Castilla y León/ CSIC, pp. 471-514.

GARCÍA DÍEZ, Marcos & GARRIDO PIMENTEL, Daniel (2014) – Cueva de Hornos de la Peña (San Felices de Buelna, Cantabria). In SALA RAMOS, Robert (ed.), *Los cazadores recolectores del Pleistoceno y del Holoceno en Iberia y el Estrecho de Gibraltar: Estado actual del conocimiento del registro arqueológico*. Burgos: Universidad de Burgos, pp. 658-659.

GARCÍA DÍEZ, Marcos; GARRIDO PIMENTEL, Daniel; OCHOA FRAILE, Blanca; VIGIOLA-TOÑA, Irene & RODRÍGUEZ ASENSIO, José Adolfo (2015a) – El dispositivo iconográfico rupestre. In GARCÍA DÍEZ, Marcos; OCHOA FRAILE, Blanca & RODRÍGUEZ ASENSIO, José Adolfo (eds.) – *Arte rupestre paleolítico en la cueva de La Covaciella (Inganzo, Asturias)*. s.l.: Gobierno del Principado de Asturias. Consejería de Educación, Cultura y Deporte; GEA, pp. 63-96.

GARCÍA DÍEZ, Marcos; MARTINS, Andrea; MAURÍCIO, João; RODRIGUES, Ana & SOUTO, Pedro (2003) – Prospecção arqueológica no Alto Cõa. Novas descobertas de arte rupestre. *Al-madan*. IIª série, 12, pp. 180-181.

GARCÍA DÍEZ, Marcos; VIGIOLA-TOÑA, Irene; OCHOA FRAILE, Blanca; GARRIDO PIMENTEL, Daniel & RODRÍGUEZ ASENSIO, José Adolfo (2015b) – La variabilidad gráfica de La Covaciella y su posición en las tradiciones gráficas del Paleolítico del Sudoeste europeo. In GARCÍA DÍEZ, Marcos; OCHOA FRAILE, Blanca & RODRÍGUEZ ASENSIO, José Adolfo (eds.) – *Arte rupestre paleolítico en la cueva de La Covaciella (Inganzo, Asturias)*. s.l.: Gobierno del Principado de Asturias. Consejería de Educación, Cultura y Deporte; GEA, pp. 115-124.

GASPAR, Rita; FERREIRA, João; CARRONDO, Joana; SILVA, Maria João & GARCÍA-VADILLO, Francisco Javier (2016) – Open-air Gravettian lithic assemblages from Northeastern Portugal: The Foz do Medal site. *Quaternary International*. 406, pp. 44-64.

GONZÁLEZ SAINZ, César; CACHO TOCA, Roberto & FUKAZAWA, Takeo (2003) – *Arte Paleolítico en la Región Cantábrica. Base de datos multimedia Photo VR, DVD-ROM versión Windows*. Santander: Universidad de Cantabria; Consejería de Turismo y Deporte del Gobierno de Cantabria; Texnai.

HERAS MARTÍN, Carmen de las & LASHERAS CORRUCHAGA, José Antonio (2014) – La Cueva de Altamira. In SALA RAMOS, Robert (ed.), *Los cazadores recolectores del Pleistoceno y del Holoceno en Iberia y el Estrecho de Gibraltar: Estado actual del conocimiento del registro arqueológico*. Burgos: Universidad de Burgos, pp. 615-267.

HERNÁNDEZ-PACHECO, Eduardo (1919) – *La caverna de la Peña de Candamo*. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales (Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, Memoria número 24).

ICVGAN (2012) – *Nomina Anatomica Veterinaria. Fifth edition (revised version)*. Hannover; Columbia; Ghent; Sapporo: Editorial Committee of the ICVGAN.

KIMBER, R G & SMITH, Michael Alexander (1987) – An Aranda ceremony. In MULVANEY, D J & WHITE, J (eds.) – *Australians to 1788*. Broadway: Fairfax, Syme and Weldon Associates, pp. 221-237.

LEROI-GOURHAN, André (1984)– Del soporte al abordamiento de la perspectiva en el arte paleolítico. Curso académico 1972-73. In LEROI-GOURHAN, André (ed.), *Arte y grafismo en la Europa prehistórica*. Madrid: Editorial Istmo (Artes, técnicas, humanidades, 4), pp. 122-143.

LEROI-GOURHAN, André; DELLUC, Brigitte & DELLUC, Gilles (1995) – *Préhistoire de l'art occidental. Nouvelle édition revue et augmentée*. Paris: Citadelles & Mazenod (L'Art et les Grands Civilisations, 1).

LUÍS, Luís; MOSQUERA CASTRO, Tania; SANTOS, André Tomás; SILVESTRE, Marcelo & AUBRY, Thierry (2024) – O desbaste do cavalo na Península Ibérica pré-romana. *Conimbriga*. 63, pp.

MARTINS, Andrea (2015) – E no Médio Côa? A arte esquemática que ainda resiste: o Abrigo do Ribeiro das Casas (Almeida). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 18, pp. 41-54.

MCDONALD, Jo & VETH, Peter (2012) – The social dynamics of aggregation and dispersal in the Western desert. In MCDONALD, Jo & VETH, Peter (eds.)– *A companion to rock art*. Malden, MA: Blackwell, pp. 90-102.

MOSQUERA CASTRO, Tania; SANTOS, André Tomás; TRIGUERO PERUCHA, Ignacio; SILVESTRE, Marcelo; BARBOSA, António Fernando; LUÍS, Luís & AUBRY, Thierry (2024) – Una nueva plaqueta decorada en el Valle del Côa (Vila Nova de Foz Côa, Portugal). In GARCÍA-BUSTOS, Miguel & RIVERO VILÁ, Olivia (eds.) – *Arte, simbolismo, interpretaciones y métodos*. Salamanca: Universidad de Salamanca, pp. 57-60.

NAUDINOT, Nadine; BOURDIER, Camille; LAFORGE, Marine; PARIS, Céline; BELLOT-GURLET, Ludovic; BEYRIES, Sylvie; THERY-PARISOT, Isabelle & LE GOFFIC, Michel (2017) – Divergence in the evolution of Paleolithic symbolic and technological systems: The shining bull and engraved tablets of Rocher de l'Impératrice. *Plos One*. 12: 3, pp.

PAILLET, Patrick; MAN-ESTIER, Elena; BOUDADI-MALIGNE, Myriam; DANDURAND, Gregory; GENTY, Dominique; KONIK, Stephane; LAROULANDIE, Veronique; MALLYE, Jean-Baptiste & LANGLAIS, Mathieu (2015)– L'art de la grotte de la Mairie (Teyjat, Dordogne) dans son contexte magdalénien. In COLLADO GIRALDO, Hipólito & GARCÍA ARRANZ, José Julio (eds.)– *Symbols in the landscape: rock art and its context. Proceedings of the XIX International Rock Art Conference IFRAO 2015 (Cáceres, Spain, 31 August – 4 September 2015)*. Tomar: Instituto Terra e Memória (Arkeos, 37), pp. 429-453.

REBANDA, Nelson (1995a) – Barragem de Vila Nova de Foz Côa. Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre *Boletim da Universidade do Porto*. 25, pp. 11-16.

REBANDA, Nelson (1995b) – *Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre do Côa*. Lisboa: IPPAR.

REIS, Mário (2023) – Mais perto da conclusão: ponto da situação da prospeção e inventário da arte rupestre do Côa. In ARNAUD, José Morais; NEVES, César & MARTINS, Andrea (eds.)– *Arqueologia em Portugal. 2023 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC, pp. 1771-1786.

Estudos  
Sobre  
Arte  
Rupestre

In  
memoriam  
Andrea  
Martins



- RIBEIRO, Maria Luísa (2001) – *Notícia explicativa. Carta geológica simplificada do Parque Arqueológico do Vale do Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- RIPOLL LÓPEZ, Sergio; BAYARRI CAYÓN, Vicente; MUÑOZ IBÁÑEZ, Francisco; LATOVA FERNÁNDEZ LUNA, José; GUTIÉRREZ, Raúl & PECCI, Hipólito (2014) – El arte rupestre de la cueva de El Castillo (Puente Viesgo, Cantabria). Unas reflexiones metodológicas y una propuesta cronológica. In CORCHÓN RODRIGUEZ, María Soledad & MENÉNDEZ FERNÁNDEZ, Mario (eds.) – *Cien años de arte rupestre paleolítico. Centenario del descubrimiento de la cueva de la Peña de Candamo*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca (Acta Salmanticensia. Estudios históricos y geográficos, 160), pp. 155-169.
- RIPOLL LÓPEZ, Sergio & MUNICIO GONZÁLEZ, Luciano José (1999) – *Domingo García: arte rupestre paleolítico al aire libre en la Meseta*. Valladolid: Junta de Castilla y León (Arqueología en Castilla y León, 8).
- RIVERO VILÁ, Olivia; RUIZ LÓPEZ, Juan Francisco; INTXAURBE, Iñaki; SALAZAR CAÑARTE, Sergio & GÁRATE MAIDAGÁN, Diego (2019) – On the limits of 3D capture. A new method to approach the photogrammetric recording of palaeolithic thin incised engravings in Atxurra Cave (northern Spain). *Digital Applications in Archaeology and Cultural Heritage*. 14, pp. e00106.
- SANTOS, André Tomás (2012) – Reflexões sobre a arte paleolítica do Côa: a propósito de uma persistente dicotomia conceptual. In SANCHES, Maria de Jesus (ed.), *1ª Mesa Redonda “Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: paradigmas e metodologias de registo*. Lisboa: DGPC (Trabalhos de Arqueologia, 54), pp. 39-67.
- SANTOS, André Tomás (2019) – *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (Monografias AAP, 9).
- SANTOS, André Tomás (2023) – A arte paleolítica do Vale do Côa no seu contexto sociocultural. In CORREIA, Dalila & SANTOS, André Tomás (eds.) – *Por este rio acima. Estudos em homenagem de António Fernando Barbosa*. Vila Nova de Foz Côa: Côa Parque – Fundação para a salvaguarda e valorização do Vale do Côa, pp. 55-115.
- SANTOS, André Tomás (2024) – Looking through rock art’s eyes: Being Upper Palaeolithic in the Côa Valley and its territory of lithic raw material sourcing. In GARCÊS, Sara & NASH, George (eds.) – *The Prehistoric Rock Art of Portugal: Symbolising Animals and Things*. Abingdon & New York: Routledge, pp. 26-60.
- SANTOS, André Tomás; BARBOSA, António Fernando; AUBRY, Thierry; GARCÍA DÍEZ, Marcos & SAMPAIO, Jorge Davide (2018) – O final do ciclo gráfico paleolítico do Vale do Côa: a arte móvel do Fariseu (Muxagata, Vila Nova de Foz Côa). *Portvgalia*. 39, pp. 5-96.
- SANTOS, André Tomás; BARBOSA, António Fernando; LUÍS, Luís; SILVESTRE, Marcelo & AUBRY, Thierry (2020) – Contributos para o conhecimento da arte rupestre do Vale do Côa. Novos dados sobre o Vale de José Esteves (Vila Nova de Foz Côa, Guarda). *Côavisão*. 22, pp. 159-190.
- SANTOS, André Tomás; BARBOSA, António Fernando; LUÍS, Luís; SILVESTRE, Marcelo & AUBRY, Thierry (2021) – Dating the Côa Valley rock art 25 years later: an archaeological approach. In AUBRY, Thierry; SANTOS, André Tomás & MARTINS, Andrea

(eds.) – *Côa Symposium. Novos Olhares sobre a Arte Paleolítica*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses & Fundação Côa Parque, pp. 94-126.

SAUVET, Georges; SAUVET, Suzanne & WLODARCZYK, André (1977) – Essai de sémiologie préhistorique (Pour une théorie des premiers signes graphiques de l'homme). *Bulletin de la Société Préhistorique Française. Études et travaux*. 74: 2, pp. 545-558.

STANNER, William Edward Hanley (1965) – Aboriginal territorial organization: estate, range, domain and regime. *Oceania*. 36: 1, pp. 1-26.

TRIGUERO PERUCHA, Ignacio (2023) – *Signos rupestres paleolíticos en el Centro peninsular. La cueva de Los Casares como caso de estudio*. Madrid: Universidad de Alcalá (Tese de doutoramento, policopiada).

VÁZQUEZ MARCOS, Carlos & REIS, Mário (2019) – Arroyo de las Almas (La Fregeneda, Salamanca): un nuevo sitio con arte paleolítico al aire libre. *Trabajos de Prehistoria*. 76: 1, pp. 138-146.

VIALOU, Denis (2004) – Architecture de l'art pariétal paléolithique. In LEJEUNE, Marylise & WELTÉ, Anne-Catherine (eds.) – *L'art du Paléolithique supérieur. Actes des colloques 8.2 et 8.3, XIVe Congrès de l'UISPP, Liège (2-8 septembre 2001)*. Liège: Université de Liège (ERAUL, 107), pp. 7-14.

VILLAVARDE BONILLA, Valentin (1994) – *Arte paleolítico de la Cova del Parpalló. Estudio de la colección de plaquetas y cantos con grabados y pinturas*. Valencia: Servei d'Investigació Prehistòrica.

ZILHÃO, João (2003) – Vers une chronologie plus fine de l'art paléolithique de la Côa: quelques hypothèses de travail. In BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo & BUENO RAMÍREZ, Primitiva (eds.) – *Primer symposium internacional de arte prehistórico de Ribadesella. El Arte prehistórico desde los inicios del siglo XXI*. Ribadesella: Asociación Cultural Amigos de Ribadesella, pp. 75-90.

Estudos  
Sobre  
Arte  
Rupestre

In  
memoriam  
Andrea  
Martins



*Para mim, as pinturas ou gravuras existentes em rochas ao ar livre, abrigos ou grutas são unicamente um artefacto arqueológico e, como tal, deverão ser tratadas como todos os outros. Necessariamente terão de estar integradas no seu contexto arqueológico, que neste caso não é uma sucessão estratigráfica de sedimentos, mas antes diversos parâmetros analíticos a diversas escalas, iniciando-se sequencialmente do pormenor para o geral através da análise do motivo, seguindo-se o painel, o abrigo, o contexto arqueológico, o território e a paisagem pré-histórica. Claro que são um artefacto distinto, com uma carga ideológica inerente muito explícita, pois representam grafismos elaborados directamente pelo homem ou mulher pré-históricos, factor presente em todos os artefactos arqueológicos, mas que neste caso provoca uma emoção e uma sensação de contacto mais próximo e íntimo com o Passado.*

Andrea Martins, 2014

